
APRESENTAÇÃO

Semiótica e epistemologia: condições de um diálogo*

Sémir Badir**

Carolina Lindenberg Lemos***

Associar o termo epistemologia à semiótica não é algo original. Há uma certa apetência dos semioticistas para a epistemologia. A atitude reflexiva e crítica, um certo rigor argumentativo e veleidades de formalização que encontramos nos trabalhos, os conceitos abstratos e as ideias gerais manifestadas nos textos, tudo contribui para fazer da semiótica um projeto de conhecimento sustentado por desenvolvimentos epistemológicos.

Essa associação está de fato mais e mais presente no pensamento dos semioticistas. Aos pensadores que alimentaram as primeiras reflexões – seja Peirce, Saussure ou Hjelmslev – tem sido atribuído um pensamento epistemológico. Dizemos “atribuído” porque o termo *epistemologia* não aparece em seus escritos, ou ao menos eles não a reivindicam como parte de suas próprias reflexões. A posteriori, entretanto, a leitura de suas obras sugere frequentemente a presença de reflexões epistemológicas – até mesmo de um tratado completo de epistemologia. Os leitores semioticistas não são os únicos responsáveis por esse viés de leitura: filósofos, linguistas e pesquisadores em ciências humanas e sociais concordam a esse respeito.

Aqui estão alguns indícios.

Ao reler Peirce, três artigos recentes ressaltam o alcance epistemológico do pensamento do filósofo norte-americano para as ciências sociais:

- Olivier Daudé (2012), “Le pragmatisme comme épistémologie sociale”;

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.178539> .

** Pesquisador sênior do *Fonds de la Recherche Scientifique* (FRS-FNRS), leciona na *Université de Liège*, Bélgica. Endereço para correspondência: semir.badir@uliege.be . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5744-7071> .

*** Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil. Endereço para correspondência: carolina.lemos@ufc.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548> .

- Jean-Marie Chevalier (2015), “L'épistémologie sociale de Peirce”;
- Alain Létourneau (2017), “Quelques contributions de Peirce à l'épistémologie des sciences sociales”.

No caso de Saussure, quem mais insistiu na dimensão epistemológica (empregando de fato esse termo) do pensamento do linguista genebrino foi Simon Bouquet (2004 [1997]), cuja *Introdução à Leitura de Saussure* inclui uma parte intitulada “Uma Epistemologia da Gramática Comparada”. Essa mesma leitura foi também anunciada por outros pesquisadores, como René Amacker (1995).

Para Hjelmslev, Sémir Badir (2014), em *Épistémologie sémiotique: La théorie du langage de Louis Hjelmslev*, desenvolveu a ideia de uma teoria da linguagem com valor de epistemologia, ideia também proposta anteriormente por Ivan Almeida (1997) e Alessandro Zinna (2013).

Essas leituras epistemológicas se deram principalmente no universo de língua francesa, e não em inglês, por uma razão terminológica que detalharemos abaixo.

A própria semiótica pode ser admitida como epistemologia justamente a partir de suas raízes nesses filósofos e linguistas do início do século XX. Essa é a tese desenvolvida de forma original por Waldir Bevidas (2020 [2017]) em *Epistemologia Discursiva: a Semiologia de Saussure e a Semiótica de Greimas como Terceira Via do Conhecimento*.

Não há como se enganar: a epistemologia está entre os interesses primordiais dos semioticistas, a tal ponto que se apropriaram do termo para atribuí-lo aos fundadores de seu projeto. Ademais, o conjunto das ciências humanas e sociais tem investido no campo epistemológico, e os pensamentos que são tidos como autoridade no campo, em especial o de Peirce, são qualificados como epistemológicos.

Este número da revista *Estudos Semióticos* aprofunda essa associação entre semiótica e epistemologia. Os organizadores redigiram um texto de chamada (vide anexo) que busca dar direção aos desenvolvimentos suscitados. Os artigos recebidos, cada um com suas respectivas qualidades, deram direções por vezes inesperadas ao texto da chamada. É por isso que, nesta introdução, parece-nos útil voltar ao tema geral anunciado pelo título “Semiótica e Epistemologia”, sob a forma de uma desconstrução, de uma análise crítica, e propor a partir daí um retorno reflexivo sobre o conjunto das contribuições.

Semiótica e...

A conjunção de coordenação *e* geralmente combina palavras morfologicamente similares. Ela tende a criar um equilíbrio semântico, por exemplo no caso de antônimos (*Meia-noite no Jardim do Bem e do Mal*, título em português de um filme de Clint Eastwood) ou em palavras que participam de uma mesma categoria lexical, gerando um efeito de complementaridade: *Maridos e Esposas* (Woody Allen), *Mãe e Filho* (Sokurov), *O Vermelho e o Negro* (Autant-Lara, para ficar no universo fílmico). Ainda assim, é preciso muito mais para que a complementaridade garanta uma relação equilibrada em todos os casos. A ordem das palavras coordenadas leva a outras relações possíveis; por exemplo, *Art et argent* não sugere a mesma coisa que *Argent et art*, ainda que as mesmas palavras francesas estejam em jogo nos dois exemplos. Este último supõe aspectos artísticos da fabricação de moedas e notas e *argent* se traduz mais acertadamente para o português como *moeda*¹. O primeiro, por outro lado, poderia servir de título a um artigo jornalístico sobre questões financeiras no meio artístico e *argent*, dessa vez, se traduz propriamente como *dinheiro*².

Semiótica e epistemologia: é possível parafrasear o título dado a este número da *Estudos Semióticos* por uma expressão que indique a orientação escolhida entre esses dois termos; a semiótica será o objeto visado e a epistemologia o meio para seu estudo. Uma paráfrase que explicita essa orientação seria, por exemplo, “a incidência da epistemologia no domínio semiótico” ou ainda “a incidência da epistemologia *sobre* o domínio semiótico”, e essa diferença já cria duas propostas também distintas: no primeiro caso, a epistemologia é algo que se desenvolve no interior do domínio visado; no segundo, ela é considerada um fator de influência externa ao domínio.

Cada autor que contribuiu para o número escolheu uma ou outra dessas vias de interpretação. A leitora, o leitor, poderá nos repreender por não termos precisado qual das duas deveria ser seguida. Era o que pensávamos ter feito na chamada de artigos. Ainda assim, os artigos contidos no número, considerados em seu conjunto, borram a fronteira reconfortante entre o interior e o exterior. Para tentar explicar, é preciso abordar as definições dos termos em questão, ou seja, levantar as questões de fronteira.

Destinos do termo *epistemologia*

A palavra *epistemologia*, derivada do inglês *epistemology*, aparece em língua francesa no início do século XX. Na época, era reservada ao estudo crítico das ciências em filosofia. Vinha portanto do registro técnico, próprio à linguagem filosófica. Era um termo em sentido estrito, com um conteúdo definicional, conforme consta do *Lexique philosophique*, de Couturat (1901), e do

¹ A expressão serve de título para um artigo de Marc Shell (1992) consagrado à representação nas finanças e na cultura.

² <https://www.lafinancepourtous.com/decryptages/entreprise/secteurs-dactivites/art-et-argent/>

Vocabulaire technique et critique de la philosophie, de Lalande (1926), e, desde 1906, dos dicionários de língua. Mas o termo passou por empregos diferenciados geralmente não abordados nesses dicionários. Esses empregos seguem, entretanto, um percurso comum de extensão semântica: atribuem usos homologáveis ao uso técnico original mas provenientes de outros discursos além da filosofia e para outros objetos além das ciências tais como eram reconhecidas no início do século XX.

É preciso notar também que esse uso técnico próprio ao discurso filosófico francês se distingue, desde sua origem, de como o termo foi empregado no discurso filosófico anglófono desde a metade do século XIX. *Epistemology* designa, no contexto de língua inglesa, uma teoria geral do conhecimento na esteira da tradição kantiana. Foi apenas a particularização técnica no sentido do estudo rigoroso das formas de argumentação da ciência como estabelecida por Bertrand Russell em *An Essay on the Foundations of Geometry* (1897) que abriu espaço para o sentido em português (como também em francês) de *epistemologia*.

Ora, o que é ainda mais complicado é que o sentido generalista anglófono também não é desconhecido em língua portuguesa nem em língua francesa. O *Trésor de la langue française* apresenta essa acepção como datada. No entanto, também acontece de sermos remetidos a uma “epistemologia à francesa” (a de Bachelard e de Canguilhem) exatamente nesse sentido datado, imputando ao sentido técnico – que não existe em inglês! – uma tradição anglófona (grosso modo, da *philosophy of science* de Popper, Kuhn, Lakatos entre outros)³. É dessa forma que ainda recentemente Jean Millet (2006) pode apresentar à guisa de subtítulo de sua obra “Une exploration du champ épistémologique”, sendo que sua reflexão trata em termos globais do pensamento acadêmico em geral.

Ao menos três acepções da palavra *epistemologia*⁴, as três derivadas do sentido técnico, se encontram manifestadas atualmente na literatura especializada:

- (1) Epistemologia como *disciplina* do conhecimento. O estudo crítico das ciências tem seus pensadores, pesquisadoras e pesquisadores dedicados, revistas especializadas e congressos que nos apresentam uma organização coletiva do saber. Mais ainda, desenvolvem-se com muita vivacidade argumentações relativas à admissão ou à exclusão, no seio dessa disciplina,

³ Note-se que o que estamos chamando de anglofonia é amplamente generoso, uma vez que Popper escreveu seus trabalhos inicialmente em alemão e Lakatos nasceu na Hungria.

⁴ Lembremos que, em semântica lexical, uma entrada lexical apresenta um ou vários *sentidos* a depender se a definição aceita ou não semas opostos em língua (o que é o caso aqui: particularizante vs generalizante); cada sentido é, em seguida, composto de *acepções* diferenciáveis por normas discursivas (nesse caso, as acepções do sentido técnico de epistemologia serão diferentes se a epistemologia for considerada ou não como um discurso específico); por fim, toda acepção é suscetível de *empregos* diferentes segundo o contexto de uso. A respeito da distinção entre *sentido*, *acepção* e *emprego*, ver Rastier (1987, p. 69).

de diferentes tipos de trabalhos a respeito da ciência. Nesse sentido, visa uma constituição disciplinar de sua atividade de conhecimento: uma coletividade, real ou projetada, decide acerca do estatuto da epistemologia e dos estudos que lhe dizem respeito.

Ora, essa não é uma decisão simples de se tomar por muitas razões. Primeiramente, o epistemólogo não tem necessariamente uma formação filosófica. Uma formação científica pode igualmente atribuir autoridade a um trabalho de pensamento epistemológico. Em seguida, não é suficiente que se tome a ciência como objeto, mesmo que se siga uma abordagem crítica (ou seja, de análise e de elucidação) para que o estudo seja automaticamente admitido como epistemologia. Em especial, os trabalhos em sociologia das ciências são geralmente excluídos da epistemologia; diz-se dos trabalhos de Bruno Latour, por exemplo, que se opõem, por questões de método e de finalidade, aos trabalhos de epistemologia. Por fim, e talvez esse seja o ponto que mais diz respeito ao tema deste número, a própria definição de ciência é aberta a discussão. De resto, a ciência é sempre, segundo esses mesmos epistemólogos “disciplinados”, *particular* e não deve ser confundida com uma atividade de conhecimento em sentido largo (como prevê a *epistemology* e certas epistemologias “à francesa”).

- (2) Epistemologia como *abordagem*. Diferentemente da primeira acepção, uma epistemologia como abordagem epistêmica pode ser conjugada a métodos que não são considerados epistemológicos e pode ser integrada, como elemento de método e nível de análise, a estudos mais amplos. Esse é o caso da semiótica, para a qual Greimas considerava, desde *Semântica Estrutural* (1973 [1966], p. 24-26), um “nível epistemológico”, que estipulava as “condições de validade da descrição semântica”. Essa acepção se generalizou, principalmente em sua forma adjetival, empregada em diversas locuções: *de ordem epistemológica, no plano epistemológico, numa perspectiva epistemológica, nos quadros de uma crítica epistemológica...* Trata-se, a cada vez, de apontar certas condições gerais, independentes dos objetos particulares sob estudo, e nas quais se desenvolve o saber (ou o discurso epistêmico). Essas condições designam, normalmente, princípios de argumentação e normas protocolares de análise.

Essa segunda acepção entra em concorrência com a primeira; em outras palavras, elas não são necessariamente compatíveis uma com a outra. Na realidade, enquanto abordagem, a epistemologia é geralmente aquilo de que se ocupa o pesquisador não formado em filosofia, cujo foco não ultrapassa sua disciplina de atuação. Dessa forma, uma “epistemologia da linguística” ou uma “epistemologia da etnologia” têm um estatuto distinto de uma “epistemologia da biologia”: as duas primeiras só dizem respeito,

em geral, à disciplina sob estudo, enquanto uma epistemologia da biologia é sempre uma epistemologia *a partir* da biologia, com um âmbito de validação que se estende às ciências em geral. Aplicada às ciências humanas, a epistemologia perde seu estatuto disciplinar e não está mais ligada a uma formação específica: todo pesquisador em ciências humanas pode, em algum momento, empreender uma abordagem epistemológica no seu domínio de pesquisa.

Vejamos um exemplo: ao depararmos-nos com um grupo de pesquisas em “Didática e Epistemologia da Educação Física” no seio da faculdade de psicologia e de ciências da educação da Universidade de Genebra, supomos que o seu nome foi inspirado no nome do laboratório vizinho: “Didática e Epistemologia da Ciência”. Entretanto, em função de seu objetivo declarado⁵, não se espera das pesquisas do grupo que se fundem em saberes outros que os da própria área (o que não é o caso para o laboratório vizinho).

- (3) Epistemologia como *propriedade*. Sob a forma adjetival, *epistemologia* remete tanto à acepção (1) quanto à acepção (2). Na acepção (1), entretanto, seu emprego é frequentemente equivocado e se confunde com o sentido não técnico da teoria do conhecimento ou de uma filosofia do conhecimento, ou seja, com a *epistemology* (e a “epistemologia à francesa”). Por exemplo, a expressão *escolhas epistemológicas* é sinônimo de *posições teóricas diferentes*, mas não deixa claro se essas posições são explicitadas nas práticas epistêmicas em questão (teoria da prática-objeto) ou se elas dependem somente da análise epistemológica proposta (teoria da epistemologia aplicada à prática-objeto). Ademais, entre as remissões à acepção (1) e à acepção (2), observa-se uma grande confusão no uso. Tomada na acepção (1), a locução *condições epistemológicas* é mais frequentemente empregada, de forma enganosa, como *condições epistêmicas* (da maneira como essas condições são analisáveis pela epistemologia); na acepção (2), é considerada equivalente, de forma pouco justificada (a não ser por suas conotações valorizantes), a *parti pris teórico*.

Essa acepção como propriedade é por vezes retomada, não sem riscos, sob a forma de substantivo. Assim, o número da revista *Semen*, intitulado

⁵ “[O grupo] desenvolve uma abordagem didática da educação física, integrando reflexões sociológicas, epistemológicas, históricas, antropológicas, culturais e tecnológicas. Seus trabalhos dizem respeito a todos os níveis de ensino (fundamental, médio, universitário, formação continuada) e têm o objetivo de descrever, compreender, explicar e/ou transformar os processos e dispositivos de ensino, de aprendizagem, de avaliação e de formação em educação física”. Versão nossa do original francês: “[Le groupe] développe une approche didactique de l’éducation physique intégrant des réflexions sociologiques, épistémologiques, historiques, anthropologiques, culturelles et technologiques. Ses travaux s’intéressent à tous les ordres d’enseignement (primaire, secondaire, universitaire, formation continue) et ont pour but de décrire, comprendre, expliquer et/ou transformer les processus et dispositifs d’enseignement, d’apprentissage, d’évaluation et de formation en éducation physique” <http://www.unige.ch/fapse/recherche/ssed/didactiques/deep-ge/> (consultado em 28 de setembro de 2020).

“Epistemologia e ética do valor”, organizado por Badir, Dondero & Provenzano (2011), realiza uma elipse ambígua: ou bem se trata de uma *abordagem epistemológica do valor* (com posições teóricas reivindicadas), ou então de uma *epistemologia dos estudos sobre o valor* (implicando uma análise de posições teóricas, sem uma tomada de partido). Esse exemplo não é isolado. Na realidade, parece que *epistemologia* tem se tornado um substituto mais valorizado de *teoria*. É nesse sentido que podemos encontrar uma *epistemologia da arte viva* (Triffaut, 2017), uma *epistemologia do digital*⁶ ou ainda uma *epistemologia da estratégia* (Poirier, 1983).

Nessas condições, o adjetivo *epistemológico* não remete mais necessariamente a uma atividade disciplinar de pesquisa, nem mesmo a uma abordagem metodológica. A propriedade epistemológica, o que quer que designe, passa a ser utilizável em qualquer campo semântico e em qualquer discurso, mesmo aqueles não epistêmicos. Na maioria dos casos, a significação adjetival é assemelhável a *teórico*, ou até mesmo a *geral*. Ora, é muito provável que sua valorização conotativa em relação às outras duas palavras venha da estima que é dispensada aos trabalhos disciplinares em epistemologia, com os quais a epistemologia como propriedade não guarda, entretanto, quase nenhuma relação.

Em que sentido e em que acepção as autoras e os autores que participam deste número temático utilizaram a palavra *epistemologia*? É provável que esses usos tenham variado segundo a relação proposta entre a semiótica e a epistemologia. Em outras palavras, essa relação determina, ao menos em parte, o sentido que é atribuído por cada um à própria epistemologia. Uma coisa é dizer que a epistemologia precisa ser considerada tanto de dentro quanto de fora da semiótica. Outra coisa é perceber que seu conteúdo e seu foco mudam segundo um caso ou outro.

Ambivalências semióticas

Do lado da semiótica, as coisas também se apresentam de forma pouco estável (para dizer o mínimo). A disciplinarização da semiótica, por mais que seja desejável segundo o ponto de vista de certos semioticistas, apresenta dificuldades dificilmente resolúveis. Sendo diplomados em letras como nas línguas específicas (latinas, germânicas, clássicas ou orientais) ou em linguística *tout court*, em ciência da informação e da comunicação, em história da arte, em filosofia, isso sem contar as formações fora do núcleo mais provável, mas que

⁶ Como título de disciplina oferecida na Universidade de Lausanne: <http://www.beaude.net/ien/> (consultado em 28 de setembro de 2020).

provêm um bom contingente de pesquisadores como a música ou a musicologia, a antropologia, a geografia ou a matemática, os semioticistas permanecem tributários de suas formações originais tanto na prática de ensino quanto na pesquisa, fazendo assim variar os fundamentos metodológicos da semiótica. A variedade de formações dos semioticistas traz como consequência imediata a falta de critérios explícitos para a inclusão ou a exclusão de uma dada pesquisa no universo semiótico. No que concerne a inclusão, a figura do “semioticista à sua revelia” é evocada frequentemente para afiliar um pensamento à semiótica, mesmo que não se reivindique como tal. A exclusão, por outro lado, é raramente vista e não se dá por meio da discussão sobre os objetivos epistêmicos, como no caso da epistemologia face à sociologia das ciências.

Se a exclusão disciplinar não se configura num meio de afirmação de autoridade intelectual, a demarcação no próprio seio da semiótica é, inversamente, bastante exacerbada. As etiquetas são testemunhas visíveis e apaixonadas, no limite do fetichismo: semiologia *vs* semiótica; semiótica greimasiana *vs* semiótica cognitiva; sócio-, etno-, antro-, psicosemiótica, etc. Essas etiquetas não definem exatamente terrenos de estudos identificáveis, nem mesmo métodos distintos, mas tão somente solidariedades intelectuais justificadas por *partis pris* teóricos. E esses partidos permanecem relativamente vagos, justamente porque sua fluidez se presta a estratégias de confusão entre a parte (uma corrente de pensamento) e o todo (a pesquisa semiótica, com todas as etiquetas aí misturadas), como bem mostrou François Provenzano (2012) no estudo consagrado à retórica de apresentação da semiótica nos manuais e em outras obras com objetivos didáticos.

A pesquisa semiótica se inscreve assim numa configuração polimórfica e profundamente heterogênea. Essa heterogeneidade é um dado primordial para a pesquisa semiótica, e não problemático: os terrenos de estudo, bem como os métodos de análise, são extremamente diversificados. Uma disciplina do conhecimento devidamente constituída pode acolher sem risco uma ou outra dessas diversificações – terrenos ou métodos –, mas não ambas ao mesmo tempo. Assim, do ponto de vista disciplinar, que é normativo e instituído (em especial pelas políticas de pesquisa), não é um exagero dizer que a semiótica é indisciplinada. Não que ela queira ser mal comportada; mas sua desenvoltura leva à destruição das fronteiras disciplinares. Consequentemente, seria também inexato dizer que é “interdisciplinar” – a bem dizer, ela é por demais presa a suas próprias maneiras de pensar, por mais diversas que elas sejam, para poder conduzir um jogo dialógico entre disciplinas científicas. E, apesar de suas veleidades epistemológicas, sua reputação transdisciplinar é superestimada: as

“disciplinas semióticas”, como escolheram nomear Piotrowski e Visetti (2015)⁷, ainda estão por ser estabelecidas.

A leitora, o leitor, pode assim compreender que o problema da relação sob exame não diz respeito apenas ao estatuto epistemológico. Paralelamente, a semiótica apresenta também grande labilidade. A incidência da epistemologia num domínio ou sobre um domínio tão pouco afeito a delimitações como a semiótica não pode ser sintetizada e deve ser examinada caso a caso.

Instável como disciplina (para dizer o mínimo), heterogênea enquanto abordagem, a semiótica ainda foi submetida a uma conversão surpreendente enquanto propriedade. Essa conversão é normalmente expressa como a passagem de uma semiótica da comunicação (às vezes designada como semiologia) a uma semiótica da significação. Outrora, o semioticista devia se ater à descrição dos sistemas, enquanto hoje despende toda sua energia na análise dos discursos. A observação é simplificadora, mas não desprovida de efeitos sobre a doxa. Ora, a palavra *semiótica*, fora dos círculos dos semioticistas, está sempre ligada às formas significantes, não às significações. É claro que podemos menosprezar a falta de conhecimento das evoluções teóricas da semiótica pelos não semioticistas. Isso não muda o fato que a palavra *semiótica* é apropriada para a designação dos sistemas de formas considerados em sua variedade ou em sua pluralidade, e não se prestaria no uso comum a designar uma certa análise geral do sentido.

A ambivalência da semiótica é completa, como disciplina, como abordagem e como palavra que remete a uma propriedade.

Compreende-se assim que a apreciação da incidência da epistemologia, seja no seio da semiótica, seja a partir de uma visada externa, deva levar a um conjunto de contribuições variadas. Cada uma das contribuições deste número escolheu um registro de investigação – disciplina, abordagem ou propriedade – e estabeleceu, não de maneira aleatória, mas ainda assim segundo o arbítrio que lhe convinha, os limites que definem, a cada caso, tanto a epistemologia quanto a semiótica.

Cartografia dos artigos

A fim de oferecer aos leitores uma visão global dessa variedade, atemo-nos a três parâmetros de divisão: (i) a identificação disciplinar dos autores

⁷ Eis a frase em que se encontra essa expressão: “Nossa proposta é também contribuir diretamente ao desenvolvimento de abordagens de inspiração fenomenológica nas ciências da linguagem e nas disciplinas semióticas”. Versão nossa do original francês: “L’enjeu est aussi pour nous de contribuer directement au développement des approches d’inspiration phénoménologique dans les sciences du langage et les disciplines sémiotiques” (Piotrowski; Visetti, 2015, p. 75, nota 3).

contrastados nos artigos, (ii) o estatuto convocado para a epistemologia, (iii) o estatuto da semiótica.

Num primeiro momento, então, vejamos quais autores são convocados nos artigos. A segunda coluna identifica os semioticistas comentados; a terceira, os autores contrastados, sem que tenha sido possível atribuir-lhes um estatuto teórico único.

| Autores dos artigos | Semioticistas comentados | Autores comentados para o contraste |
|---|--------------------------|---------------------------------------|
| J. H. Pinho Bonfim | L. Hjelmslev | G. Frege, L. Wittgenstein |
| M. Colas-Blaise | J. Fontanille | E. Souriau |
| A. Herreman | R. Harris | – |
| B. Leclercq | Groupe μ | F. Brentano, E. Husserl, C. Stumpf... |
| R. M. de Oliveira Nakagawa & T. de Sá Cardoso | Y. Lotman | C. S. Peirce |
| A. Perusset | R. Barthes | L. Hjelmslev |
| Z. Queiroz | A. J. Greimas | K. Popper |
| C. A. Schneider & M. L. Faria Batistote | A. J. Greimas | G. Agamben |
| L. Tatit | C. Zilberberg | E. Cassirer |
| W. Wildgen | – | R. Thom |

Dois artigos, o de Herreman e o de Wildgen, trazem comentários de um só autor. Voltaremos a isso. Fora esses, cada artigo propõe um “encontro”, um “diálogo”, uma “comparação” – esses são os termos mais frequentemente empregados para designar a relação de leitura entre os autores comentados. Quatro deles (os artigos de Colas-Blaise, Queiroz, Schneider & Batistote e Tatit) buscam esclarecer as escolhas ou posturas epistemológicas do semioticista escolhido por meio da leitura de um filósofo, seja Ernst Cassirer, Karl Popper, Giorgio Agamben ou Étienne Souriau. Note-se, entretanto, que apenas o nome de Popper é comumente associado à epistemologia. Dois outros artigos instauram uma discussão não exatamente orientada; o que se vê mais claramente é a construção de uma rede de influências ou de convergências entre semioticistas e filósofos: o artigo de Bonfim avalia a originalidade das asserções epistemológicas de Louis Hjelmslev à luz das proposições de Gottlob Frege e Ludwig Wittgenstein; o de Leclercq relaciona o paradigma cognitivista defendido

pelo Groupe μ a uma corrente epistemológica desenvolvida em fins do século XIX e início do século XX por autores como Franz Brentano, Edmond Husserl ou Karl Stumpf. Nesses dois artigos, os semioticistas são colocados em relação com autores que são anteriores à instituição disciplinar da epistemologia e que são ordinariamente identificados à filosofia da linguagem e à fenomenologia, respectivamente. Por fim, os dois últimos artigos, de Nakagawa & Cardoso e de Pérusset, confrontam dois semioticistas cada um, dos quais um – seja Charles Sanders Peirce, seja Louis Hjelmslev – pode fazer as vezes de epistemólogo em função da recepção de suas obras. São, portanto, artigos que questionam a incidência da epistemologia a partir do interior do discurso semiótico. Note-se que Bonfim e Pérusset atribuem assim papéis distintos a Hjelmslev em função da exteriorização ou da interiorização do debate epistemológico conduzido por seus respectivos artigos.

De volta aos dois primeiros artigos evocados, observa-se que os autores estão diretamente implicados na investigação proposta. Herreman contribui para uma abordagem epistemológica da história da matemática e das ciências e é nesse sentido que se interessa pela semiótica, e mais diretamente em seu artigo, à linguística interacionista de Roy Harris. Wildgen, por sua vez, participou da introdução e do desenvolvimento das ideias e das teses epistemológicas de René Thom no meio semiótico; seu artigo consiste em apresentar essas ideias segundo sua elaboração e sua incidência na teoria semiótica. Ademais, Wildgen evoca também a ausência de relação entre Thom e a esfera dos semioticistas, cujas “práticas científicas permanecem ou bem filológicas ou bem literárias, portanto sem contato real com as ciências exatas”. O artigo introduz implicitamente uma confrontação no interior da semiótica a partir de um motivo epistemológico.

É possível acrescentar ainda que Leclercq também evoca um debate epistemológico entre semioticistas segundo uma alternância entre um paradigma cognitivo e um paradigma estruturalista; e que, ademais, ele próprio intervém no debate, enquanto filósofo da linguagem, ao incluir propostas teóricas novas. Porém seria injusto com os demais autores do presente número deixar subentendido que nossa síntese é suficiente para apresentar os artigos, uma vez que omitimos contribuintes e contraditores úteis a cada uma das relações estabelecidas. As bibliografias dos artigos demonstram que esta síntese é uma simplificação. E é em função dessa mesma simplificação que podemos mostrar a linha de condução argumentativa escolhida por cada um.

De acordo com o segundo parâmetro de divisão que propusemos, os artigos podem ser repartidos em três blocos. Em três dos artigos (de Herreman, de Queiroz e de Wildgen), a epistemologia é considerada como uma disciplina autônoma, dedicada a uma reflexão crítica acerca das ciências exatas e naturais, cujos resultados podem ser eventualmente estendidos às ciências humanas ou, em contrapartida, cujos meios podem ser enriquecidos por uma contribuição das

ciências humanas (da semiótica, no caso). Três outros tomam a epistemologia numa extensão mais larga ou numa acepção mais geral, próxima do sentido anglófono. Assim, para Bonfim e Leclercq, a discussão se dá essencialmente sobre o estatuto ontológico dos objetos sob estudo: realismo *vs* idealismo, metafísica *vs* idealismo transcendental; já para Tatit, Ernst Cassirer intervém no debate epistemológico enquanto filósofo do pensamento mítico, que se distingue, ou mesmo se opõe, ao pensamento científico. Os quatro últimos artigos tematizam a epistemologia como abordagem ou como propriedade: o que permite interrogar acerca da dualidade entre sujeito e objeto no conhecimento, para Colas-Blaise; de forma semelhante, para Nakagawa & Cardoso, a epistemologia aproxima os pensamentos de Peirce e Lotman acerca do “observador” enquanto sujeito do conhecimento; Pérusset a assimila a um exame acerca dos conceitos de análise da significação; já Schneider & Batistote estabelecem convergências epistemológicas entre os dois autores comentados. A bem da verdade, nesses quatro artigos, independentemente de que autores são comentados, a epistemologia se encontra, antes de mais nada, no tipo de análise e de comentários realizados pelos próprios autores, sem que isso queira dizer que tomem um ponto de vista disciplinar diferente dos autores que escolheram comentar.

Os artigos convergem mais acerca do terceiro parâmetro levantado, o do estatuto da semiótica. Sete deles deixam supor que consideram a semiótica uma disciplina, ainda que Pérusset leve em conta a diferença de sensibilidade teórica – semiologia ou glossemática – entre Barthes e Hjelmslev. O artigo de Herreman se distingue ao tomar a semiótica como uma abordagem na qual a disciplinaridade viria enfraquecer mais do que reforçá-la. Realizando uma história *semiótica* da matemática, o autor ratifica ademais a propriedade original atribuída à semiótica, ou seja, aquela dos sistemas de formas. Podemos estimar enfim que os trabalhos de Roy Harris, apresentados e comentados em profundidade nesse artigo, têm uma ligação tênue com uma tradição disciplinar semiótica, ainda que tenham se debruçado sobre a escrita, com uma leitura continuada dos textos de Saussure e de sua recepção. Restam dois artigos que apresentam, no caso desse terceiro parâmetro, casos-limite: o de Bonfim, porque o pensamento de Hjelmslev não pode ser considerado semiótico em sua acepção disciplinar, a não ser por conta dos semioticistas que se apropriaram de suas reflexões; o de Wildgen, se fizermos uma leitura outra que aquela evocada mais acima acerca das questões de sua argumentação: ao invés da possibilidade de um debate epistemológico entre semioticistas, é possível alegar que ele opõe a uma semiótica disciplinada um projeto – o da semiofísica – cujo nome foi sugerido pelo próprio René Thom em virtude da propriedade que atribui ao termo *semiótica*, e unicamente por essa razão.

Por fim, se cruzarmos os três parâmetros, não é possível encontrar dois artigos que concordem sobre a relação a ser estabelecida entre semiótica e epistemologia. Uma tal diversidade não foi planejada, o que a torna tanto mais eloquente. É claro que ela se explica em parte pela diversidade de formação dos articulistas, bem como pelos interesses de pesquisa de cada um. Os editores deste número constatarem com alguma satisfação que, apesar da orientação explicitamente semiótica da revista, reforçada pela ordem dos termos que compõem o título do número, as contribuições revelam em seu conjunto uma configuração interdisciplinar (ainda que modesta), como era a intenção original da proposta. Os editores estimam ainda que esses interesses não explicam completamente a diversidade dos textos e acreditam poder tirar, num sentido mais profundo, um ensinamento a respeito da semiótica, e talvez também para a epistemologia.

Alteridade e diálogo

O texto que acompanhou a chamada de artigos para este número da revista *Estudos Semióticos* buscava evitar dois problemas ou pelo menos evitar duas opções que reformulamos da seguinte maneira:

- (1) *Tudo em casa*. Ou como sugere o provérbio pequeno-burguês francês: “on n’est jamais mieux servi que par soi-même” (algo como: somos sempre mais bem servidos por nós mesmos). Vimos que a inclinação dos semioticistas para a reflexão epistemológica pode parecer natural por conta das formas de organizar seu pensamento. A necessidade de uma teoria da linguagem não é menos importante para os epistemólogos, e muitos deles já se lançaram na empreitada⁸ ou, se chegam a adotar uma, é porque a tomam emprestada de um de seus pares em filosofia (de J. S. Mill a J. Searle), acompanhada de suas visadas e tendências, em particular aquela que consiste em proferir que a língua corrente “esconde” o pensamento⁹. Os motivos para essa solução interna é bem compreensível. Os semioticistas sentem a necessidade de uma epistemologia que seja adaptada a suas práticas epistêmicas e a seus objetos, aquilo com que os epistemólogos mais legítimos nunca se preocuparam, nem de perto nem de longe, pois, se são de fato legítimos, isso quer dizer que seus objetos privilegiados de análise são as ciências naturais. E quanto aos epistemólogos, suas expectativas em relação ao estudo das línguas e dos discursos consistem em atribuir um máximo de inteligibilidade à argumentação racional, baseando-a, se possível, numa ontologia (ou seja, numa teoria da referência), enquanto os semioticista se debruçaram

⁸ Por exemplo, Popper (1973 [1934], p. 62-64).

⁹ Wittgenstein (2001 [1922], p. 165).

principalmente sobre o estudo de outros tipos discursivos (narratividade e expressão lírica, essencialmente), favorecendo outros axiomas teóricos relativos à significação¹⁰. É claro que, nessas perspectivas, as possibilidades de diálogo entre semioticistas e epistemólogos são improváveis. O que gera impasses: uns e outros se acusando reciprocamente, não de forma infundada, de jargões pouco esclarecedores, de provincianismo e de pretensões vãs.

- (2) *A cada um seu campo de competências*. Entendida em sentido estrito, a opção oposta não nos parece mais produtiva pelas mesmas razões: há pouca chance de diálogo entre uma epistemologia dedicada às ciências da natureza e uma semiótica ligada à análise do sentido linguístico que não enfrente os problemas específicos colocados pela relação dos textos e discursos com o pensamento racional e a descrição científica da realidade. Os perigos de uma opção como essa não são menores porque dá tanto à semiótica como à epistemologia uma aparência disciplinar falsa e, a nosso ver, ilusória. As competências respectivas dos semioticistas e dos epistemólogos não deveriam permanecer restritas a um tipo de discurso ou a um tipo de conhecimento, ainda que se prestem inicialmente a um ou outro, porque a pesquisa de cada um, segundo seus objetivos teóricos de generalização e de formalização, exige a ultrapassagem de seus domínios originais.

O que nós gostaríamos de estimular pelo intermédio deste número é que a semiótica e a epistemologia *se alterem* uma em função da outra, que elas estejam colocadas de tal forma a mudar suas posições e seus objetos não somente por conta de seu diálogo, mas *para* esse diálogo, ou seja, que vão em busca dos benefícios do diálogo instaurado entre elas.

No pensamento bakhtiniano do dialogismo, está previsto que não apenas os interlocutores humanos, mas também as ideias, os textos, os domínios culturais entrem em comunicação e se constituam no e pelo diálogo (ver Velmezova, 2011, p. 39). Essa constituição é uma alteração já que a cada vez há um Eu face a um Outro, cuja presença está assim instaurada, em outras palavras, uma identidade que é revelada pela alteridade.

Para a epistemologia, a alteração não é difícil de imaginar: com a “virada linguística” bem estabelecida, restaria prever o que a integração de uma diversidade de formas semióticas, com suas relações de transposição semântica e a projeção conceitual aí implicada, poderá acrescentar a uma lógica de descoberta e de justificação das práticas científicas. Os trabalhos de Peter Galison (1997), do lado epistemológico, e de Maria Giulia Dondero e Jacques

¹⁰ Ao comentar o pensamento fundador de Saussure, Rastier (2003, p. 23) escolhe falar de “ontologia recusada”.

Fontanille (2012), do lado semiótico, oferecem um exemplo da possibilidade desse diálogo visando uma alteração semiótica da epistemologia.

A semiótica passou também, num ou noutro de seus círculos, por “viradas”, tais como a virada da enunciação (com Barthes, Metz e seguidores) ou a virada fenomenológica (para Greimas e sua escola). O encontro com a epistemologia deve assim “virar” a semiótica? Pode-se perceber, em todo caso, que cada vez mais trabalhos de semiótica deixam o seio das ciências humanas para abordar questões que interessam as ciências exatas e naturais. Nesse sentido, a “apetência reflexiva” dos semioticistas encontra os temas corriqueiros dos epistemólogos, cujo aporte intelectual podemos apreciar, especialmente, no livro de Jean-François Bordron (2013), *Image et vérité. Essais sur les dimensions iconiques de la connaissance*.

Sugerimos ainda que essas situações dialógicas são *favoráveis* ao desenvolvimento da semiótica bem como da epistemologia. Voltando ao que dizíamos acima: o destino dos termos *epistemologia* e *semiótica* é se abrir a acepções que tomam os objetos designados pelos termos como abordagens, quem sabe simples propriedades. Supomos esse destino por conta das dificuldades intrínsecas, inerentes à própria pesquisa, de organizar os trabalhos epistemológicos bem como os estudos semióticos em disciplinas científicas devidamente constituídas (delimitadas e homogêneas). A alteração contínua da epistemologia e da semiótica está assim inscrita, a nosso ver, no seu devir e contribui para seu desenvolvimento. Admitidas essas condições, o diálogo entre a epistemologia e a semiótica apresenta simplesmente uma perspectiva favorável para essa alteração. Favorável em que sentido? Bom, porque ela permite responder a críticas recorrentes que lhes são dirigidas.

Apesar de múltiplas adaptações teóricas, critica-se a epistemologia, de dentro (por Paul Feyerabend, por exemplo) ou a partir do que ela projeta para fora de sua visada (na sociologia da ciência), o fato de permanecer muito aquém da variedade de práticas científicas e das condições de suas realizações. A semiótica pode oferecer à epistemologia os meios de *formalizar* a variedade, ou seja, de dar conta dela numa forma de descrição e de argumentação compatível com seus próprios objetivos.

É um pouco delicado considerar, por outro lado, quais faltas semióticas a epistemologia ajudaria a sanar, porque nos colocaríamos entre a cruz (os que trazem as críticas) e a caldeira (os que inventam soluções). Ousemos, ainda assim, atribuir aos epistemólogos alguns méritos que trariam ganhos aos semioticistas dispostos a se deixar influenciar. Os trabalhos de epistemologia são geralmente marcados por uma clareza impressionante de exposição que não atrapalha de maneira alguma o rigor de análise. Essa clareza de exposição é uma condição *sine qua non* para que esses trabalhos sejam lidos por aqueles a quem

são destinados, no caso, os próprios cientistas. Os epistemólogos são versados no debate argumentativo: cada proposição teórica nova é diretamente situada num estágio do debate em que as asserções a serem atacadas ou refinadas são retomadas com toda a inteligibilidade necessária aos leitores não iniciados. Oferecendo-nos um conhecimento raramente falho ou errôneo, usam exemplos e casos com excelência e de forma bastante desenvolvida. Note-se, enfim, que a objetividade a que tende a argumentação não impede, de maneira nenhuma, que os epistemólogos manifestem valores ligados aos seus trabalhos, convocados para a defesa do espírito científico, e, conseqüentemente, que tomem explicitamente parte nas questões ideológicas e políticas da sociedade.

As contribuições a este número, consideradas em seu conjunto, cuja cartografia foi apresentada acima, demonstram, não obstante, que há uma multiplicidade de possibilidades de diálogo entre a semiótica e a epistemologia, e outras tantas maneiras de modificá-las uma a outra. É aí que reside o espanto dos editores do número ao ler os artigos. Qualquer que fosse o ponto de entrada proposto, não poderíamos supor as tantas formas de leituras, de comparações ou de encontros explorados na relação entre semiótica e epistemologia.

Retomaremos aqui somente alguns casos apenas para introduzir o assunto:

- As primeiras pesquisas de Ernst Cassirer (em particular *Substanzbegriff und Funktionsbegriff*, publicado em 1910), na tradição alemã do *Erkenntnistheorie*, foram dedicadas a um estudo crítico da matemática e das ciências naturais de seu tempo (especialmente as teorias de Brouwer e de Einstein). A antropologia filosófica conduziu o mestre de Marbourg, em seguida, a estender o campo de investigação para outras formas de pensamento e de conhecimento. É nesse quadro que Luiz Tatit liga o pensamento mítico, como ele foi trazido por Cassirer, à teoria da semiótica tensiva de Claude Zilberberg. Se não consideramos que as modalidades míticas do pensamento excluem de antemão a semiótica tensiva do campo dos saberes ocidentais legítimos (do campo “científico” no sentido institucional do termo), o retorno sobre o próprio objeto da epistemologia nos convida a deslocar seus limites e a estender seus modos de pensar, ou ao menos a procurar e formular as condições para esses deslocamentos e extensões.
- Está inscrito nos preceitos metodológicos do epistemólogo que deve manter a investigação acerca da ciência longe das caracterizações sociais e psicológicas que determinam necessariamente certos aspectos do trabalho do cientista (e que são mobilizadas, em contrapartida, pela sociologia das ciências e pela retórica argumentativa). Ainda assim, não haveria ciência sem um sujeito investido na atividade do conhecimento. É o lugar desse sujeito propriamente “gnosiológico” que é discutido por Regiane Miranda

de Oliveira Nakagawa e Tarcísio de Sá Cardoso nas teorias de Charles Sanders Peirce e de Yuri Lotman, ao passo que Marion Colas-Blaise busca as modalidades de sua aplicação na teoria de Jacques Fontanille a partir de uma leitura da obra de Étienne Souriau, obra essa cuja importância para a investigação epistemológica foi demonstrada por Isabelle Stengers e Bruno Latour. No caso aqui presente, o deslocamento diz respeito aos conceitos empregados pelo epistemólogo. As normas de objetividade da ciência não estão mais apenas em seus enunciados (verificáveis, falseáveis, justificáveis, segundo diferentes proposições epistemológicas recebidas), mas ainda em sua enunciação, ou seja, como objetividade de uma descoberta, de uma justificação ou de uma probabilidade (entre outras hipóteses formuladas pelos epistemólogos), ativada por um sujeito mais ou menos interpretante, mais ou menos crítico, etc.

- Segundo as formas de argumentação que são propostas em seus trabalhos, os epistemólogos compartilham de uma concepção da linguagem científica (ou da metalinguagem) vinda da filosofia analítica, sem dar a isso muita atenção. Sobre essa linguagem de ideais de transparência e de transposição sem resto, são projetadas também as virtudes e as normas da ciência estudada. É esse “mito da linguagem” que denuncia Roy Harris. Alain Herreman tira dessa crítica os recursos para investigar a epistemologia nos limites de seu próprio discurso e as pretensões universalistas e generalistas que ela expressa. Uma coisa – já muito difícil – é reconhecer a diversidade semiótica da ciência (as formas pelas quais é praticada e as significações visadas); uma outra é acolher, enquanto epistemólogo, essa diversidade em sua própria atividade de conhecimento como uma de suas condições e um limite de seus objetivos.

Em suma, a relação entre semiótica e epistemologia é capaz de colocar em questão a epistemologia, especialmente por meio da escolha de uma leitura nas margens dos textos canônicos, nos seus objetos, seus meios conceituais e suas finalidades. A crítica da semiótica trazida por essa relação é sem dúvida menos evidente e menos direta. Deixa-se entrever, não obstante, pela mobilização das “escolhas epistemológicas” frente às quais se coloca. Para terminar, preferimos detalhar, ao invés de escolhas, as abordagens epistemológicas que permitem precisamente fixar essas escolhas e que permitem distinguir três grandes orientações neste número.

Abordagens epistemológicas em semiótica

Encerraremos assim esta introdução sugerindo, entre as possibilidades de diálogo entre semiótica e epistemologia, aquela que vai na direção de uma crítica

da semiótica. Três abordagens da epistemologia (ou, se preferirmos, três formas da epistemologia como abordagem) permitem construir essa crítica:

- *Abordagem histórica.* Essa abordagem é francamente dominante nas ciências da linguagem. Consiste em considerar a epistemologia como uma forma de história das ciências, com uma atenção particular aos conteúdos do conhecimento. Classicamente, essa abordagem estabelece um laço de influência, direta ou indireta, entre dois textos, dois autores ou duas correntes de pensamento. A *História Concisa da Semiótica*, de Anne Hénault (2006 [1992]), é um exemplo: ao negligenciar qualquer interesse pelas instituições e pelos percursos pessoais, essa obra busca tornar inteligível uma continuidade intelectual entre os textos fundadores: o *Curso de Linguística Geral*, de F. de Saussure, a *Morfologia do Conto Maravilhoso*, de V. Propp, os *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de L. Hjelmslev, e os textos de A. J. Greimas.
- *Abordagem lógico-filosófica.* Essa abordagem é a privilegiada pelos filósofos da linguagem e se vê empregada nas ciências da linguagem por aqueles que se inspiram da maneira de pensar dos filósofos. A epistemologia é então uma forma de argumentação que opera sobre axiomas e princípios gerais enunciados em qualquer texto e por qualquer autor, mas sempre em nome de uma disciplina ou de uma tradição de pensamento. A discussão proposta no primeiro capítulo de *Principia Semiotica* do Groupe μ (2015), retomada neste número por Bruno Leclercq, é um exemplo prototípico dessa forma de argumentação.
- *Abordagem discursiva.* A última das abordagens epistemológicas é ainda nova em semiótica, ainda que tenha se feito presente em outros domínios. Consiste em fazer da epistemologia uma forma de análise do discurso – e, por que não, uma análise *semiótica* do discurso, ou seja, uma análise feita pelos meios conceituais da semiótica – que busca invocar as formas e as funções que fazem de um discurso um saber. O artigo precursor de Bruno Latour e Paolo Fabbri (1977) sobre “La rhétorique de la science” empregava as ferramentas da sociologia, bem como as da semiótica, para dar conta do que constitui, em termos argumentativos e enunciativos, um artigo de neuroendocrinologia. Pouco depois, A. J. Greimas e Éric Landowski (1986 [1979]) dirigiram uma compilação de ensaios consagrados a análises semióticas sobre fragmentos de textos em ciências sociais. Mas foram sobretudo os trabalhos de Dominique Maingueneau (2015), de Jean-François Bordron (2016) e de Frédéric Cossutta (2020), acerca de textos filosóficos, que nos parecem os mais representativos dessa abordagem discursiva.

Não é afinal essa última abordagem que ilustra também esta apresentação? De todo modo, não procuramos retrair as condições históricas nas quais a semiótica e a epistemologia puderam dialogar. Também não levantamos as condições lógicas ou “transcendentais” que serviriam de base para esse diálogo. O que tentamos determinar, em seus múltiplos aspectos formais e semânticos, foram as condições discursivas inerentes a essa relação¹¹. ●

Referências

ALMEIDA, Ivan. Le style épistémologique de Louis Hjelmslev. *Texto !*, maio de 1997. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Inedits/Almeida_Style.html>. (Consultado em: 23/09/2020).

AMACKER, René. Saussure ‘héraclitéen’ : épistémologie constructiviste et réflexivité de la théorie linguistique. *Linx*, 7. 1995. p. 17-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/linx.1122>> (Consultado em: 17/11/2020).

BADIR, Sémir. *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev*. Paris : Honoré Champion, 2014.

BADIR, Sémir. *Pratiques discursives du savoir. Le cas sémiotique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2021.

BADIR, Sémir; DONDERO, Maria Giulia; PROVENZANO, François (orgs.). *Épistémologie et éthique de la valeur : du sémiotique au rhétorique (et retour)*. *Semen*, 32. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/semen.9329>> (Consultado em: 16/11/2020).

BEIVIDAS, Waldir. *Epistemologia discursiva: a Semiologia de Saussure e a Semiótica de Greimas como terceira via do conhecimento*. São Paulo: FFLCH-USP, 2020 [2017]. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/9786587621203>>. (Consultado em: 23/09/2020).

BORDRON, Jean-François. *Image et vérité. Essais sur les dimensions iconiques de la connaissance*. Liège: Presses universitaires de Liège (Sigilla), 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/books.pulg.2178>> (Consultado em: 17/11/2020).

BORDRON, Jean-François. *Le discours spéculatif. Approche sémiotique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004 [1997]).

CASSIRER, Ernst. *Substance et fonction*. Paris : Minot, 1977 [1910].

CHEVALIER, Jean-Marie; PEIRCE, Charles Sanders. L'épistémologie sociale de Peirce. *Cahiers philosophiques*, 142 (3). 2015. p. 107-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.3917/caph.142.0107>> (Consultado em: 17/11/2020).

COSSUTTA, Frédéric (éd.). *Les concepts en philosophie*. Limoges : Lambert-Lucas, 2020.

DAUDÉ, Olivier. Le pragmatisme comme épistémologie sociale. *Revue de synthèse*, 133. 2012. p. 117-138.

¹¹ É também essa a abordagem defendida em Badir (2021), que propõe uma epistemologia da semiótica completamente desenvolvida sobre o fundo de uma análise do discurso, de seus gestos, de seus rituais e de suas ferramentas.

- DONDERO, Maria Giulia ; FONTANILLE, Jacques. *Des images à problèmes. Le sens du visuel à l'épreuve de l'image scientifique*. Limoges: Pulim, 2012.
- GALISON, Peter. *Image and logic: a material culture of microphysics*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966].
- GREIMAS, Algirdas Julien ; LANDOWSKI, Éric (orgs.). *Análise do discurso em Ciências Sociais*. São Paulo: Global, 1986 [1979].
- GROUPE μ . *Principia semiotica*. Paris : Les Impressions nouvelles, 2015.
- HÉNAULT, Anne. *História concisa da Semiótica*. São Paulo: Parábola, 2006 [1992].
- LAKATOS, Imre. *The Methodology of Scientific Research Programmes*. Cambridge: Cambridge U. P., 1978. [Trad. fr. *Histoire et méthodologie des sciences*. Paris : Puf, 1994.]
- LATOUR, Bruno; FABBRI, Paolo. La rhétorique de la science. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 13. 1977. p. 81-95. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1977_num_13_1_3496> (Consultado em: 18/11/2020).
- LÉTOURNEAU, Alain. Quelques contributions de Peirce à l'épistémologie des sciences sociales. *Cahiers de recherche sociologique*, 62. 2017. p. 21-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/1045613ar>> (Consultado em: 17/11/2020).
- MAINGUENEAU, Dominique. *La philosophie comme institution discursive*. Limoges : Lambert-Lucas, 2015.
- POIRIER, Lucien. Épistémologie de la stratégie. *Anthropologie et Sociétés*, 7 (1). 1983. p. 71-95. Disponível em: <<https://doi.org/10.7202/006112ar>> (Consultado em: 17/11/2020).
- PIOTROWSKI, David; VISETTI, Yves-Marie. Expression diacritique et sémiogenèse. *Metodo. International Studies in Phenomenology and Philosophy*, vol. 3, n. 1. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.19079/metodo.3.1.63>> (Consultado em: 17/11/2020).
- PROVENZANO, François. *Institutiones semioticæ: L'enseignement des manuels*. *Signata*, 3. 2012. p. 91-129. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/signata.837>> (Consultado em: 16/11/2020).
- POPPER, Karl. *La logique de la découverte scientifique*. Paris: Payot, 1973 [1934].
- RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. Paris: Puf, 1987.
- RASTIER, François. Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. In : BOUQUET, S. (org.). *Saussure*. Paris: L'Herne, 2003.
- SHELL, Marc. Argent et art : La question de la représentation dans la finance et la culture. *Revue d'économie financière*, 22. 1992. p. 207-221. Disponível em: <<https://doi.org/10.3406/ecofi.1992.1879>>. (Consultado em: 17/11/2020).
- TRIFFAUT, Jean-Pierre. *Épistémologie de l'art vivant*. Paris: L'Harmattan, 2017.
- VELMEZOVA, Ekaterina. Le dialogue bakhtinien : entre "nouveau terminologique" et obstacle épistémologique. *Cahiers de praxématique*, 57. 2011. p. 31-50. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/praxématique.1753>> (Consultado em: 17/11/2020).
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: Edusp, 2001 [1922].

ZINNA, Alessandro. L'épistémologie de Hjelmlev : Entre métalangage et opérations. *Signata*, 4. 2013. p. 129-155. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/signata.676>> (Consultado em: 16/11/2020).

Anexo:

Chamada de artigos para o número “Semiótica e Epistemologia” da revista *Estudos semióticos*.

As relações que podem ser estabelecidas entre *semiótica* e *epistemologia* são potencialmente numerosas e complexas, já que tanto uma como a outra pode ser considerada de diversas maneiras. Na medida em que cada uma identifica uma configuração disciplinar, é possível propor um diálogo. Entretanto, como, antes mesmo de se configurar num corpo de doutrinas, elas podem designar uma dimensão nocional ou um nível de abstração, é importante também observar como uma se apropria da outra e vice-versa. Enfim, a investigação dessas relações não é recente; se admitimos a equivalência, ao menos aproximativa, com a teoria do conhecimento científico, então os laços entre epistemologia e a teoria dos signos remontam ao menos a *Timeu*, de Platão, e, na época contemporânea, se iniciam com o pensamento de Peirce.

Ainda assim, nos últimos anos, os semioticistas têm dedicado grande atenção às questões epistemológicas, mostrando que as relações entre semiótica e epistemologia continuam a perseverar e talvez tenham adquirido alguma consistência. É possível mencionar nesse sentido, a título não exaustivo, obras como *Des images à problèmes*, de M. G. Dondero e J. Fontanille (2012), *Image et vérité*, de J-F. Bordron (2013), *Épistémologie sémiotique*, de S. Badir (2014), *Epistemologia Discursiva: a semiologia de Saussure e a Semiótica de Greimas como terceira via do conhecimento*, de W. Bevidas (2020 [2017]) ou *Principia semiótica*, do Groupe μ (2015).

O dossiê da revista *Estudos Semióticos* para o qual se lança esta chamada visa reforçar a explicitação das relações entre semiótica e epistemologia de forma unilateral: em função dos empréstimos que a semiótica fez ou poderia fazer dos conceitos ou das problemáticas inicialmente elaboradas pelos epistemólogos.

Algumas problemáticas suscetíveis de ser objeto de um artigo para esse dossiê são:

- Do hexágono de R. Blanché ao quadrado semiótico.
- A contribuição da epistemologia de E. Cassirer à semiótica tensiva de C. Zilberberg.
- A teoria ator-rede de B. Latour e sua retomada por J. Fontanille.

- A compatibilidade entre o conceito de paradigma de T. Kuhn e o conceito de estesia de F. Rastier.
- As categorias interativas de I. Hacking podem ser absorvidas por uma epistemologia discursiva?
- As especificidades semio-narrativas dos programas de pesquisa na perspectiva de I. Lakatos.
- A semiótica modal da verificação (R. Carnap) e da refutação (K. Popper).

Trata-se, assim, de fomentar uma “semiótica da epistemologia”, em termos de recepção, mas também de reelaboração teórica e de retomada crítica. Nesse contexto, muitas outras problemáticas podem ser propostas, contanto que adotem um quadro argumentativo como os exemplificados acima.

Semiotics and Epistemology: Conditions for a Dialogue

 BADIR, Sémir

 LEMOS, Carolina Lindenberg

Como citar este texto

BADIR, Sémir; LEMOS, Carolina Lindenberg. Semiótica e epistemologia: condições de um diálogo. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 16, número 3. Dossiê temático: “Semiótica e Epistemologia”. São Paulo, dezembro de 2020, p. i-xxiii. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this text

BADIR, Sémir; LEMOS, Carolina Lindenberg. Semiótica e epistemologia: condições de um diálogo. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 16.3. Thematic issue: Semiotics and Epistemology. São Paulo, december 2020, p. i-xxiii. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: year/month/day.

Data de recebimento do artigo: 16/11/2020.

Data de aprovação do artigo: 19/11/2020.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons License CC BY-NC-SA 4.0.

